

**CLAUDIA BAPTISTA DE SOUZA**

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RELIGIOSAS  
NO BRASIL: CONHECIMENTO TRADICIONAL & RISCOS  
POTENCIAIS**

Araraquara

2012

**CLAUDIA BAPTISTA DE SOUZA**

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RELIGIOSAS NO BRASIL:  
CONHECIMENTO TRADICIONAL & RISCOS POTENCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Farmácia-Bioquímica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, para obtenção do grau de Farmacêutica-Bioquímica.

**Orientador: Prof. Dr. André Gonzaga dos Santos**

Araraquara

2012

Dedico a meus pais, Osvaldo e Neusa,  
que estão sempre ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, por todas as orientações e carinho e por não me deixarem desistir.

A meu irmão, por me incentivar na escolha da UNESP.

À minha irmã, que junto a meus pais, me ajudou a complementar meus estudos.

A todos os meus amigos, por serem minha família enquanto estava longe.

A meu orientador, André, que com toda a paciência e personalidade, me ajudou a concluir este trabalho.

A todos que de forma direta ou indireta me ajudaram a chegar até aqui.

## SUMÁRIO

Resumo

Lista de Quadros

1. Introdução, 7
2. Plantas utilizadas nas comunidades afro-descendentes, 13
  - 2.1 Quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.), 15
  - 2.2 Jurubeba (*Solanum paniculatum* L.), 16
  - 2.3 Alumã (*Vernonia condensata* Baker), 17
  - 2.4 Babosa (*Aloe arborescens* Mill.), 18
  - 2.5 Jatobá (*Hymenae courbaril* L.), 19
  - 2.6 Jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart.), 20
3. Plantas Utilizadas em Comunidades Espíritas, 21
  - 3.1 Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville) e Sucupira (*Pterodon* spp.), 21
  - 3.2 Sassafrás (*Sassafras albidum*), 23
  - 3.3 Calunga (*Simaba ferruginea*), 23
4. Conclusão, 25
5. Referências Bibliográficas, 27

## **Resumo**

O Brasil caracteriza-se pela pluralidade cultural e religiosa. Muitas religiões, como a Umbanda, o Candomblé e o Espiritismo, utilizam plantas em rituais ou com o intuito de combater doenças. No combate das doenças, as plantas medicinais são utilizadas com base no conhecimento tradicional, muitas vezes distorcido pela sociedade moderna. Portanto, há um risco inerente nesta prática, pois o efeito das plantas medicinais está relacionado à presença de substâncias químicas, geralmente metabólitos secundários, as quais exercem ação farmacológica de forma análoga aos fármacos sintéticos, bem como podem produzir reações adversas ou intoxicação. Além disso, o uso adequado das plantas medicinais envolve conhecimento sobre seu cultivo, colheita/coleta, modo de preparo, posologia e indicação. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão bibliográfica sobre o uso de plantas medicinais por comunidades religiosas e avaliar o risco de sua utilização com base em evidências científicas. Concluiu-se no trabalho que a maioria das plantas utilizadas está de acordo, totalmente, ou em parte com as indicações de uso na medicina popular ou respaldadas por estudos científicos. Porém, algumas das plantas medicinais utilizadas apresentam alta toxicidade e a indicação de uso de algumas outras, não condiz com estudos científicos ou uso na medicina popular.

## **Lista de Quadros**

Quadro I - Informações sobre plantas medicinais utilizadas em comunidades religiosas afro-descendentes, 13

Quadro II - Indicações de uso das dez ervas-mãe segundo a equipe espiritual, 24

## 1. Introdução

A utilização de plantas com fins medicinais, para tratamento, cura e prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade (VEIGA Jr. *et al.*, 2005). Mesmo com o desenvolvimento de grandes laboratórios farmacêuticos e dos fármacos sintéticos, as plantas medicinais permaneceram como forma alternativa de tratamento em várias partes do mundo, pois simbolizam muitas vezes, o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (TUROLLA E NASCIMENTO, 2006).

O Brasil é um representante significativo do uso de plantas na terapêutica, pois detém pluralidade cultural acentuada, questões econômicas que não favorecem o uso de fármacos sintéticos por toda a população e uma grande variedade de plantas disponíveis em sua flora.

Considerando o Brasil em seu âmbito religioso, a cura com plantas é largamente utilizada, sendo observado o uso, principalmente em comunidades espíritas e afro-descendentes.

Na definição de Allan Kardec, Espiritismo, ou Doutrina Espírita, é a que contém os princípios sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o provir da humanidade. É uma doutrina filosófica, é conhecimento científico, é religião. Espiritualista é aquele que acredita que há no homem algo além da matéria. Portanto, o espiritismo é uma filosofia espiritualista. O espírita, adepto ao espiritismo, acredita na existência do espírito, na sua preexistência e na sua sobrevivência após a morte. Portanto, acredita na reencarnação e reside pela Lei de Causa e Efeito (GUIMARÃES, 2004). O espiritismo surgiu dos fenômenos espíritas e da comunicação dos espíritos através da codificação de Allan Kardec, na França, a partir de 1857.

A Doutrina Espírita diz que toda moléstia é de origem espiritual, razão pela qual há doentes e não doenças, propriamente ditas. A enfermidade é produto derivado das violações



que conscientemente praticamos ao escolher o caminho do mal de maneira voluntária. A consequência é o sofrimento, que representa, ao mesmo tempo, expiação e tratamento, tendo função medicinal por servir ao reajustamento do espírito culpado, logo, doente. Diz que os remédios materiais, com raras exceções, não podem curar integralmente a ninguém, mas podem ser utilizados, pois podem aliviar muito e curar onde for permitido. A cura completa é somente espiritual (RIZZINI, 1985).

A cura com plantas no Espiritismo é tema de controvérsias, pois há o questionamento da causa dos espíritos utilizarem plantas ao passo que poderiam utilizar-se da sutil supremacia dos métodos fluídicos. Ocorre que, segundo a doutrina, o homem, espírita ou não, é um espírito imerso na matéria grosseira e necessita da energia fluídica no seu meio para sobreviver. Por isso, os espíritos valorizam tanto as plantas e seu magnetismo como um fator de mais natural proximidade ligando o homem à harmonia do meio, enquanto que o artificialismo das quimioterapias e outras terapias entram como lastimável poder desarmônico. Os espíritos vêem na energia das plantas uma poderosa ferramenta auxiliar de cura, mormente se conduzida por eles próprios, mais aptos a enxergar as suas ações e reações no corpo, nos níveis material e transcendental (Berbel, 2000).

As religiões afro-descendentes, como o próprio nome sugere, surgiram a partir de religiões africanas que foram trazidas por diversos grupos africanos escravizados no Brasil. A distribuição aleatória desses grupos pelo país, originou diferentes tradições religiosas, como o candomblé nos terreiros baianos, o xangô pernambucano, dentre outros (NOVAIS, 2006). Nas religiões afro-descendentes há diferentes graus de sincretismo com o catolicismo (OLIVEIRA e BARTHOLO, 2008).

Segundo Silva (2011), “o candomblé baseia-se no culto aos orixás, seres oriundos das quatro forças da natureza: Terra, Fogo, Água e Ar. Os orixás são, portanto, forças energéticas, desprovidas de um corpo material, dotados de equilíbrio. Sua manifestação básica para os

seres humanos se dá por meio da incorporação durante as cerimônias, através de rituais. Os orixás são concebidos como entidades que estiveram no mundo dos homens por algum tempo e realizaram feitos importantes e sagrados para, em seguida, retornarem ao orum (céu dos Orixás). Porém, por onde passaram deixaram seu legado e sua marca: segredos, encantos, ensinamentos; a partir disso, sua devoção foi se construindo e sendo passada de geração em geração”.

A Umbanda é a faculdade, ciência, arte, profissão, ofício de curar por meio de medicina natural (plantas) ou da medicina sobrenatural (sortilégios, encantamentos); adivinhando o desconhecido pela consulta às almas dos mortos ou aos gênios ou demônios, que são espíritos, nem humanos nem divinos; induzindo esses espíritos, humanos ou não, a influir sobre os homens e sobre a natureza, de maneira benéfica ou maléfica. Umbanda são forças, agindo na cura, adivinhação e na influência dos espíritos. Finalmente, Umbanda é o conjunto de sortilégios que estabelecem e determinam a ligação entre espíritos e o mundo físico (SILVA, 1992). É uma religião afro-brasileira que teve sua origem no Rio de Janeiro e foi anunciada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas através de Zélio de Moraes em 1908 (ROHDE, 2009).

Como há influência do espiritismo na umbanda, algumas doenças são entendidas como de origem cármica. Uma doença congênita permite ao seu portador expiar uma culpa de vidas anteriores. Uma dor de cabeça pode ser diagnosticada como consequência de um encosto, isto é, um espírito pouco evoluído não se reconhece na sua condição de eguns (mortos) e insiste em perturbar alguém. Neste caso, o ritual de desobsessão é aconselhado. Através dele o pai ou mãe-de-santo empresta o seu “cavalo” (corpo) com o objetivo de purificar a pessoa que está sofrendo. Quando as pessoas são influenciadas negativamente por outras através de “mau-olhado”, a prática mágica do despacho serve para impedir o efeito da má intenção ou até fazer reverter o mal desejado sobre quem o desejou. Há também o “diagnóstico” de que algumas

doenças são “sintomas” de não aceitação de mediunidade ou de falta de desenvolvimento da mesma, já que cada ser humano é um médium em potencial. As sessões de desenvolvimento de mediunidade, espécie de “catequese” dos espíritos, para que se ajustem ao estereótipo construído simbolicamente pelo terreiro, ajudam a modificar os espíritos “selvagens” em “controlados” (BOBSIN, 2003).

Há grande importância das plantas no mundo religioso de origem africana. Elas estão presentes nos banhos de purificação, nas bebidas e comidas rituais, nos remédios, nas cremações em incensórios, cachimbos, charutos e cigarros, fazendo ainda parte dos orixás, determinando a cada um deles os poderes mágicos e curativos que lhes cabem. Desta forma, o poder de cura das plantas está associado ao poder que as divindades lhes atribuem. Dentre as plantas, há aquelas tidas como de valor sacral e simbólico que são utilizadas em rituais, e aquelas de valor medicinal ou terapêutico, em que são observadas as suas propriedades curativas. Porém, nessas religiões, o aparente papel diferenciado que existe entre a planta medicinal e ritualística não existe, pois o valor simbólico esconde as reais propriedades e atividades biológicas das plantas, existindo então, uma inter-relação (Camargo, 1998).

Nas religiões afro-descendentes, as plantas ditas medicinais indicadas para cura são indicadas pelas entidades espirituais ou mesmo pelos próprios adeptos que conhecem suas propriedades medicinais empiricamente. As plantas indicadas pela divindade Ossaim, o “dono das folhas”, são sempre diferentes daquelas empregadas na preparação de banhos e amacis (ALBUQUERQUE e CHIAPPETA, 1994). Segundo estes autores (1994), “adeptos recorrem ao conselho dos espíritos para certificar se devem ou não tomar o medicamento que o médico passou. Algumas vezes, o consulente é sugerido a substituir a medicação alopata pelo chá de uma erva”.

As comunidades religiosas citadas encaram o uso de plantas medicinais como uma forma segura no tratamento de doenças, o que nem sempre é verdade. No livro Fitoterapia do

Além (BERBEL, 2000), é descrito um trabalho realizado por médiuns, que através de espíritos, sugerem que medicamentos fitoterápicos sejam formulados. O médium João Berbel diz: “... o trabalho principal, que é o da formulação, prescrição e manipulação, é efetuado pelos próprios espíritos, auxiliados pelo médium. As plantas a serem usadas, as misturas, as dosagem, o diagnóstico, a receita – tudo é efetuado pelos mentores espirituais. E as fórmulas são mesmo desconhecidas dos trabalhadores terrestres e do próprio médium... **Nossa** irmã menor, a planta, não faz mal a ninguém, desde que a utilizemos dentro da forma certa e justa para a qual ela veio ao mundo. Ela serve para o bem de todo nosso corpo, parte a parte, região a região. Um simples chá fará com que toda a enfermidade desapareça. Naturalmente que com ela estaremos obtendo aprimoramento. E aprenderemos a respeitar nela a natureza grandiosa, por que aí está toda a medicação exigida à saúde do homem.”

É comum o pensamento de que plantas medicinais de uso tradicional já foram testadas e homologadas pelo seu uso prolongado na própria espécie humana. Por isso, seriam remédios eficazes e seguros, naturalmente balanceados, sem os efeitos colaterais comuns aos produtos sintéticos, não necessitando, portanto da avaliação exigida para esse tipo de medicamento. A automedicação milagrosa com plantas medicinais, chegando ao extremo de substituir terapias consagradas em doenças graves, é provinda dessa crença infundada, tendo se tornado prática comum nos países em desenvolvimento. A planta medicinal utilizada em medicamentos é um produto estranho ao organismo humano, nele introduzido com finalidades terapêuticas. Como todo corpo estranho, os produtos de sua biotransformação são potencialmente tóxicos e assim devem ser encarados até que o contrário seja provado. De fato, não há porque, primeiramente, considerar inócua uma planta medicinal, se do reino vegetal são obtidas substâncias extremamente tóxicas, como a estricnina, a digitoxina, os curares e os heterosídeos cianogênicos. Por outro lado, ao se analisar a eficácia de um infuso ou tintura, esta pode ser devido a uma ação placebo de substâncias inertes (LAPA *et al.*, 2007).

No relatório de atividades realizadas no ano de 2010 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), consta a publicação da RDC nº10/2010, que orienta sobre o uso de drogas vegetais, de acordo com o conhecimento popular, utilizadas para o tratamento de doenças. No Anexo I desta resolução é apresentada uma tabela onde constam várias plantas de uso na medicina popular, seu modo de preparo e uso. O importante é que estudos foram realizados para comprovação da ação terapêutica de cada planta em relação à indicação de uso, além de haver dados na literatura sobre sua segurança. No anexo consta a informação: “as alegações terapêuticas consideram apenas as formas de preparo e usos específicos aqui tratados, ficando excluídas desta resolução ações farmacológicas e indicações terapêuticas que, embora relevantes pelo uso tradicional, ou subsidiadas por estudos científicos, requeiram formas de preparação ou uso não previstas pela Resolução”. Considerando que no presente trabalho, haverá uma avaliação da indicação de uso e potencial tóxico de plantas medicinais utilizadas em comunidades religiosas, é relevante a análise do posicionamento da Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) em relação à muitas das plantas utilizadas pelas comunidades pesquisadas.

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre o uso de plantas medicinais por comunidades religiosas e avaliar o risco de sua utilização com base em evidências científicas.

## 2. Plantas utilizadas nas comunidades afro-descendentes

O quadro 1 apresenta os dados do levantamento na literatura sobre plantas medicinais utilizadas em comunidades religiosas afro-descendentes e logo após, é discutido o uso de algumas das plantas medicinais mais utilizadas por estas comunidades.

**Quadro I:** Informações sobre plantas medicinais utilizadas em comunidades religiosas afro-descendentes.

NI = não informado

Plantas Mediciniais Utilizadas em Comunidades Afro-descendentes				
Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Referências
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Miller	folha e fruto.	Cataplasma na cabeça para dores na mesma e frutos são considerados bons para os rins	NOVAIS, 2006; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Alumã (boldo)	<i>Vernonia condensata</i> Baker	folhas	O chá é usado para combater cólicas intestinais, problemas de estomago, fígado e dores de barriga	NOVAIS, 2006
Aroeira	<i>Shinus terebinthifolius</i> Raddi	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009; Azevedo e Silva 2006.
Assa-peixe	<i>Vernonia brasiliiana</i> (L.) Druce	folha	Usada na elaboração de xarope para gripe	NOVAIS, 2006
Babosa	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	folha e flor	É usada a baba que há entre as folhas para o cabelo, faz –se banho de assento para problemas de hemorróida, e o chá das flores é usado para combater pneumonia	NOVAIS, 2006; PIRES <i>et al.</i> 2009.
Cancerosa	NI	folha	Faz-se remédio para câncer	NOVAIS, 2006
Chapéu-de-couro	<i>Dracena fragans</i> (L.) Ker-Gawl	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Erva-de-santa-maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009.
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i>	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009.
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	folha	O chá é usado para combater gripe e problemas respiratórios	NOVAIS, 2006; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Hortelã	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	folha	O chá é utilizado para combater gripe, resfriados. É indicado para ser utilizado junto ao mel, como um xarope	NOVAIS, 2006
Insulina	<i>Cissus verticillata</i> L.	folha e gavinha	Chá é utilizado para problemas de diabetes	NOVAIS, 2006; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Jatobá	<i>Hymenae courbaril</i> L.	folha e fruto	O chá e o fruto são indicados para problemas de anemia	NOVAIS, 2006

Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Afro-descendentes				
Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Referências
Jenipapo	<i>Genipa americana L</i>	folha e fruto	fruto associado com mel é indicado para combater anemia, quando usado pela manhã em jejum	NOVAIS, 2006; PIRES <i>et al.</i> 2009.
Jucá ou pau-de-ferro	<i>Caesalpinia ferrea Mart.</i>	folha e casca	O chá da casca é utilizado para diabetes	NOVAIS, 2006; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Jurema-preta	<i>Mimosa hostilis Benth</i>	casca e entre casca e raiz	A entrecasca é utilizada para aliviar dor de dente, e para elaborar bebida de propriedades curativas chamada "Jurema"	NOVAIS, 2006
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum L</i>	NI	moléstias do fígado e baço, como desobstruente	CAMARGO 1998; PIRES <i>et al.</i> 2009.
Lobeira	<i>Solanum lycocarpum A. St. Hil</i>	folha, flor, raiz e fruto	O chá da folha é utilizado para fazer banho de assento para hemorróida. O fruto cozido é utilizado para diabetes e o chá da flor para resfriado	NOVAIS, 2006
Louro	<i>Laurus nobilis L.</i>	folha	O chá da folha é utilizado para dores de cabeça	NOVAIS, 2006; PIRES <i>et al.</i> 2009.
Malva	<i>Geranium moschatum Burn. F.</i>	folha	O chá é utilizado para gripes e para infecções uterinas	NOVAIS, 2006
Mangueira	<i>Mangifera indica L.</i>	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Melão-de-são-caetano	<i>Mormodica charantia L.</i>	folha e galho	O chá pode ser usado como banho para aliviar irritações na pele e cabeça	NOVAIS, 2006
Melissa	<i>Melissa officinalis L</i>	folha, flor e galho	O chá é utilizado para problemas cardíacos	NOVAIS, 2006
Peregun	<i>Dracena fragans (L.) Ker-Gawl</i>	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009.
Pita	<i>Agave americana L.</i>	NI	NI	PIRES <i>et al.</i> 2009.
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri L.</i>	NI	diurético e desimpedir rins	CAMARGO 1998; PIRES <i>et al.</i> 2010.

Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Afro-descendentes				
Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Referências
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	folha e fruto	O chá da casca do fruto é utilizado para inflamação na garganta, e contra gripe. A poupa que envolve a semente é utilizada para anemia	NOVAIS, 2006; PIRES <i>et al.</i> 2009.
Rosa branca	<i>Rosa alba</i> L.	flor	O chá das flores pode ser tomado como calmante	NOVAIS, 2006; PIRES <i>et al.</i> 2009.
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttdl.	folha	O chá é recomendado para gripe, resfriado, febre e sarampo. Também utilizar a planta macerada para cabelos, catapora	CAMARGO 1998; NOVAIS, 2006
Saião	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb	folha	Chá é recomendado para cicatrização	NOVAIS, 2006; AZEVEDO E SILVA, 2006.
Terramicina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik	folha	Chá é recomendado para infecção por possuir propriedades antiinflamatórias	NOVAIS, 2007
Velame	<i>Croton Campestris</i>	NI	NI	CAMARGO, 1988.

## 2.1 Quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.)

*Phyllanthus niruri* L., vulgarmente conhecida como quebra-pedra, é planta medicinal utilizada por comunidades afro-descendentes (CAMARGO, 1998; PIRES *et al.*, 2009) e sua indicação é como diurético, aconselhado “para a urina e desimpedir os rins” (CAMARGO, 1998).

Estudos (Barros, 2002; Freitas, Schor e Boim, 2002) suportam a ação terapêutica evidenciada nas comunidades religiosas. A título de exemplo, é citado um estudo realizado com ratos para observar o efeito dessa planta na inibição da cristalização de oxalato de cálcio na urina e outros fatores associados à formação de cálculos renais (Freitas, Schor e Boim, 2002). Concluiu-se nesse estudo que o tratamento com *Phyllanthus niruri* L. inibiu potencialmente o crescimento do cálculo renal e reduziu o número de pedras em comparação



com os animais tratados com água. Além disso, o cálculo foi eliminado ou dissolvido em três dos vinte e dois animais estudados.

A quebra-pedra é uma das plantas presentes na RDC nº10/2010 e é indicada para a eliminação de pequenos cálculos renais. Devem ser utilizadas as partes aéreas da planta, realizando-se infusão de 3g em 150 mL de água e utilizando-se uma xícara de chá de duas a três vezes ao dia por via oral. É contra indicado para mulheres grávidas e para eliminação de cálculos grandes. Em concentrações acima da recomendada, pode acarretar em diarreia e hipotensão. O uso por mais de três semanas é contra indicado.

## **2.2 Jurubeba (*Solanum paniculatum* L.)**

*Solanum paniculatum* L., vulgarmente conhecida como jurubeba, é planta utilizada em rituais afro-brasileiros para fins medicinais (AZEVEDO E SILVA, 2006; PIRES *et. al*, 2009). A jurubeba é indicada nessas comunidades para moléstias do fígado e baço (CAMARGO, 1998).

*Solanum paniculatum* vem sendo largamente estudada por seu efeito protetor no fígado e propriedades gástricas anti-secretórias (ANTÔNIO *et al*, 2004).

Um estudo realizado com *S. paniculatum* demonstrou inibição da secreção ácida gástrica em ratos. Os resultados mostraram que a atividade gástrica varia de acordo com a parte da planta utilizada para extração com água. O extrato da raiz mostrou atividade maior que as outras partes da planta e nenhum efeito foi observado com o extrato das folhas. Em contraste, o tratamento com o extrato das frutas estimulou a secreção ácida gástrica. Os resultados poderiam ser explicados pela distribuição não uniforme de constituintes na planta. A composição química do *Solanum paniculatum* vem sendo estudada há muito tempo e

muitas substâncias provenientes de toda a planta têm sido isoladas. Por exemplo, alcalóides estão em maior proporção na raiz (0,98%) do que no caule (0,28%) e uma pequena quantidade (0,2%) é encontrada nas folhas. Essas diferenças podem explicar maior atividade do extrato da raiz nos experimentos. O estudo conclui que o uso de *Solanum paniculatum* em distúrbios gástricos para o uso em humanos até que o potencial efeito tóxico do extrato aquoso seja investigado. Os alcalóides esteroidais dessa planta pertence a uma classe de constituintes de plantas potencialmente tóxica, conhecida por seu potencial efeito teratogênico e atividade anticolinesterásica, a qual pode levar à excitação do sistema nervoso central e convulsões. Além disso, apenas alguns alcalóides esteróides foram encontrados na planta, como a jurubebina e jurubina, e a atividade biológica desses componentes são desconhecidas (MESIA-VELA et. al, 2002).

A jurubeba apresenta-se na lista de drogas vegetais aprovadas para uso da RDC nº 10 de 2010 e a indicação de uso é para dispepsia, ou seja, para os distúrbios da digestão. Porém, essa indicação terapêutica só está respaldada pelos estudos realizados para essa aprovação, se o preparo e uso forem feitos da seguinte forma: infusão de 1g, correspondente a 1 colher de chá, da planta inteira em 150 mL de água, correspondente a 1 xícara de chá, e administração de 1 xícara de chá de 3 a 4 vezes ao dia. Essa RDC orienta que doses acima da recomendada e por período de tempo acima do recomendado, podem causar intoxicação com náuseas, vômitos, diarréias, cólicas abdominais, confusão mental, edema cerebral e morte.

### **2.3 Alumã (*Vernonia condensata* Baker)**

*Vernonia condensata* Baker, conhecida como alumã ou boldo, é uma planta medicinal utilizada em comunidades afro-descendentes com indicação para cólicas intestinais,

problemas no estômago, fígado e dores de barriga. Seu uso deve ser realizado na forma de chá (NOVAIS, 2006).

Farmacologia experimental: estudos demonstraram a atividade analgésica e anti-inflamatória de *Vernonia condensata* Baker através da observação da diminuição dose dependente do número de contorções provocadas por estímulos algésicos, tais como ácido acético e caolim, após a administração do extrato aquoso da planta (Amaral *et al*, 2005).

Em relação à toxicidade aguda, embriotoxicidade e o potencial mutagênico do extrato aquoso liofilizado obtido das folhas de *V. condensata*, observou-se baixa toxicidade, uma vez que estudos realizados com camundongos demonstraram nenhum efeito tóxico após administração oral do extrato e a dose letal aproximada para a administração intraperitoneal foi estimada em 3400 mg/Kg para os machos e 5000 mg/Kg para as fêmeas. Considerando a embriotoxicidade, o extrato não apresenta risco teratogênico, pois a única alteração causada em embriões tratados com o extrato foi uma leve redução do peso corporal acompanhado de sinais de ossificação. O teste para genotoxicidade demonstrou que a planta não provoca perdas cromossômicas totais ou parciais, pois em teste de perda do cromossoma X em anel realizado em *Drosophilas*, não foram observadas tais atividades (Amaral *et al*, 2005)

#### **2.4 Babosa (*Aloe arborescens* Mill.)**

De acordo com Novais (2006), *Aloe arborescens* Mill. encontra-se entre as plantas medicinais utilizadas por comunidades religiosas e sua indicação é para que seja utilizada suas folhas e flores. A “baba” das folhas pode ser utilizada para o cabelo, faz-se banho de assento para problemas de hemorroida, e o chá das flores é usado para combater pneumonia.

Na medicina popular, o látex presente na folha da babosa é utilizado como laxativo, emoliente, cicatrizante e anti-inflamatório. Porém, o uso desta planta não está aprovado em legislação brasileira. Os dados experimentais em relação à farmacologia relacionada à babosa,

revelam que o látex e o gel presentes nas folhas da planta possuem propriedades laxativa e emoliente, hidratante, anti-inflamatória e antibacteriana. O extrato das folhas possui propriedades antifúngica e hipoglicemiante (VENDRUSCOLO, 2004).

Não foram encontrados estudos em relação ao uso das flores de *Aloe arborescens* Mill.

Efeitos adversos são relatados com o uso via oral da planta, tais como cólicas gastrointestinais e irritação do intestino grosso. O uso é contra indicado para gestantes, lactantes e crianças, na obstrução intestinal, colites ulcerativas, apendicites, dores abdominais de origem desconhecida, casos de hemorróidas e em problemas renais. O uso contínuo causa desequilíbrio no balanço eletrolítico e pigmentação na mucosa intestinal. Também existem registros de dermatites de contato com o uso tópico (VENDRUSCOLO, 2004).

A revisão feita por Martins (2010) confirma as ações purgativa, bactericida, cicatrizante, anti-inflamatória e antifúngica relatadas no estudo anteriormente citado, além do uso no auxílio do tratamento de queimaduras. Martins (2010) também menciona outro estudo relatando que geralmente a babosa é citada como uma planta de pouco risco e atóxica, todavia, casos de reações alérgicas têm sido relatados, como prurido na pele.

## **2.5 Jatobá (*Hymenae courbaril* L.)**

As folhas e frutos do *Hymenae courbaril* L., conhecido popularmente como jatobá, são ditos como medicinais nas comunidades afro-descendentes. São indicados para melhora do quadro de anemia. Este uso não está aprovado pela legislação brasileira, bem como não foram encontrados dados a respeito das propriedades farmacológicas e potencial toxicológico das folhas e frutos do jatobá.

## 2.6 Jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart.)

O uso tópico do decocto das favas da *Caesalpinia ferrea* Mart., conhecida como Jucá ou pau-de-ferro, aplicado na forma de compressa sobre lesões, é aprovado pela RDC nº10/2010. Nela, a ação farmacológica dos componentes da fava caracteriza-se como adstringente, hemostática, cicatrizante e anti-séptica.

Nas comunidades afro-descendentes, o chá da casca do jucá é indicado para o tratamento de diabetes (NOVAIS, 2006).

O chá da casca do jucá vem sendo popularmente usado no tratamento de diabetes no Brasil (VASCONCELOS *et al.*, 2011).

Em estudo realizado por Vasconcelos *et al.* (2011), foi comparado o uso oral do extrato aquoso da casca do tronco da *Caesalpinia ferrea* Mart. em relação ao uso de metformina em ratos portadores de diabetes. Mudanças no peso corporal, alimentação e ingestão de água, nível de glicose em jejum e tolerância oral à glicose foram avaliados. Como resultado, a administração do referido extrato reduziu os níveis de glicose sanguínea e melhorou o estado metabólico dos animais.

### 3. Plantas Utilizadas em Comunidades Espíritas

O médium Berbel (2000) diz: “a equipe espiritual do Dr. Ismael Alonso labora em larga escala com a fitoterapia onde destacou o uso do que ela própria denomina ervas-mãe”. Berbel escreveu sobre o trabalho realizado na cura de doenças utilizando a fitoterapia através dos espíritos. Diz-se através dos espíritos, pois segundo os seguidores da religião, as indicações são feitas por eles. Para o tratamento fitoterápico foram escolhidas dez ervas-mãe: barbatimão, sassafrás, calunga, anjico, cedro, eucalipto, imburana, bálsamo, sucupira e carobinha. Berbel (2000) diz que “tais ervas eleitas são utilizadas em situações variadas e até invertidas, porque cada caso é um caso, cada enfermidade é uma enfermidade, cada doente é um doente”. Muitas poderiam ser as plantas a serem usadas para o tratamento de uma determinada doença, porém, sempre que possível, será usada uma dentro das dez plantas-mãe ou aquela que mais se assemelha.

A seguir, encontra-se a comparação com dados científicos em relação à indicação de uso para algumas das dez plantas (BERBEL, 2000) e, logo após, o quadro 2, que relaciona a indicação de uso das dez ervas-mãe, segundo a equipe espiritual.

#### 3.1 Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville) e Sucupira (*Pterodon* spp.)

A equipe espiritual afirma que o barbatimão tem um alto poder cicatrizante, agindo nos vasos sanguíneos como vasodilatador. O uso conjunto com a sucupira, planta que afirmam ser vasoconstritora e purificadora do sangue, normaliza o fluxo sanguíneo, sendo indicadas essas plantas, então, para o tratamento de pacientes que possuem problemas cardíacos. Além dessas indicações, o barbatimão é indicado para o tratamento de hemorroida,

fechando os vasos, e infecções da pele, curando uma ferida; a sucupira é também indicada para o tratamento de gota.

Em monografia do *Stryphnodendron adstringens* (Gilbert *et al*, 2005), não foi mencionado o efeito hipotensor do barbatimão, mas por outro lado, sua ação cicatrizante é comprovada por experimentos e estudos clínicos: em um grupo de 90 pacientes, apresentando escaras superficiais e profundas e tratados topicamente com pomada e formulação *spray* a base de barbatimão, foi observada uma cicatrização completa.

O uso do decocto da casca do barbatimão está aprovado pela RDC nº 10/2010 para uso como cicatrizante e anti-séptico em forma de compressas, no tratamento de lesões da pele e mucosas bucal e genital. Porém, é alertado para que não seja usado em lesões com um quadro inflamatório intenso.

De acordo com estudos em camundongos, em que foi avaliado a DL<sub>50</sub> oral do extrato seco da casca do caule de *S. adstringens*, há um risco no uso oral em doses altas de barbatimão durante um período extenso. Com a administração crescente de doses acima de 200 mg/Kg do extrato hidroalcoólico da casca do caule de *S. adstringens*, foi observado deambulação, taquicardia, excitabilidade, regurgitação, espasmos da glote e óbito (Gilbert *et al*, 2005).

Em revisão realizada por Hansen *et al* (2010), observa-se que as espécies do gênero *Pterodon* apresentam atividade anti-inflamatória, antirreumática, antiartrítica, broncodilatadora, analgésica, antiulcerogênica e antiespasmódica, porém, não demonstrou atividade no tratamento de gota. Na medicina popular, é frequente o uso por suas propriedades anti-inflamatórias, antirreumáticas e analgésicas. Neste mesmo trabalho, foi mencionado que um estudo feito com o óleo das sementes de *Pterodon pubescens* não demonstrou toxicidade no uso de doses altas em relação àquelas usadas pela população.

### **3.2 Sassafrás (*Sassafras albidum*)**

A equipe espiritual utiliza sassafrás como calmante, auxiliando na melhora da enfermidade (BERBEL, 2000).

Como fitoterápico, afirma-se que o sassafrás apresenta propriedades carminativas, diaforéticas, diuréticas, dermatológicas e antirreumáticas. Ele é usado tradicionalmente para erupções cutâneas, gota e dores reumáticas. Porém, sassafrás não deve ser usado interna ou externamente devido à presença do safrol, principal constituinte do seu óleo volátil. O safrol é hepatotóxico e estima-se que algumas gotas de óleo de sassafrás são suficientes para causar a morte de uma criança pequena (BARNES *et al*, 2012).

### **3.3 Calunga (*Simaba ferruginea*)**

Dentre as dez ervas-mãe da equipe espiritual, a calunga é indicada para o bom funcionamento dos rins e do aparelho digestivo (Berbel, 2004).

As atividades mencionadas pela equipe espiritual estão em acordo com as de uso na medicina popular (NOLDIN, 2005).

Um estudo concluiu que a *S. ferruginea* apresenta atividade antiulcerogênica, principalmente os rizomas, cuja atividade é atribuída aos alcaloides (NOLDIN, 2005).



**Quadro II:** Indicações de uso das dez ervas-mãe segundo a equipe espiritual (Berbel, 2004).

As dez ervas-mãe		
Nome popular	Nome científico	Indicação
Sucupira	<i>Pterodon</i> spp.	Tratamento de gota
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Infecção da pele, hemorróida; junto à sucupira é boa para o coração
Imburana	<i>Commiphora leptophloeos</i>	Doenças infecciosas; junto à insulina vegetal é usada para câncer
Bálsamo	<i>Myroxylon peruiiferum</i> L.f.	vasodilatador, enfermidades da pele, dores no estômago e regulador da flora intestinal, coração, reumatismo, depurador do sangue
Angico	Não informada a espécie	vasodilatador, infecções intestinais e outras
Sassafrás	<i>Ocotea odorifera</i>	calmante
Calunga	<i>Simaba ferruginea</i>	fígado, rim e aparelho digestivo
Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	regulação da pele e dos pelos, controle da água; corrente sanguínea (controle pelos poros)
carobinha	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham	eliminação de manchas e germes infecciosos, uso no sangue e tratamento de vitiligo
eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Alívio das vias respiratórias

#### 4. Conclusão

Durante o desenvolvimento do trabalho, foi verificada a grande importância da etnofarmacologia. O uso de plantas na medicina popular pode, por muitas vezes, evidenciar atividades biológicas positivas, que antes eram desconhecidas.

Visitas a alguns centros espíritas na cidade de Araraquara, situada no estado de São Paulo, foram realizadas e observou-se que o trabalho realizado pelos médiuns, empregando a fitoterapia para cura de doenças, é intenso. Porém, este trabalho é desconhecido por grande parte da população.

Vista a intensidade deste trabalho utilizando a fitoterapia, é relevante o estudo do uso das plantas utilizadas por essas comunidades, pois o saber de seus adeptos pode aumentar as opções de tratamento de doenças. Além disso, a observação do potencial tóxico das plantas utilizadas pode contribuir para o uso racional das mesmas.

Observou-se que a maioria das plantas utilizadas está de acordo, totalmente, ou em parte com as indicações de uso na medicina popular. Além disso, muitas das indicações de uso, mesmo que não aprovadas pela legislação brasileira, estão respaldadas por estudos científicos.

Algumas das indicações de uso das plantas indicadas não estão de acordo com o uso popular ou estudos científicos. Como exemplo, é citado o Sassafrás. A indicação medicinal indicada pelas entidades é para que a planta seja usada como calmante. Pesquisas demonstraram que o sassafrás possui um metabólito potencialmente tóxico para o fígado, podendo causar até a morte de crianças. Além disso, o uso indicado não está de acordo com o uso popular e nem é respaldado por estudos científicos. Outro exemplo é o do uso da flor da babosa para o tratamento de pneumonia. Nenhum estudo, científico ou etnobotânico, trata do uso dessa flor na cura de doenças.

Outro fator observado nas indicações, é que as doses, o modo de cultivo e preparo das plantas, muitas vezes não são considerados, o que afeta diretamente na atividade biológica das mesmas, podendo esta, não ser observada, potencializada, ou tóxica para o organismo, dependendo do modo em que forem preparadas as plantas para determinado tratamento.

Perante os exemplos citados, observa-se o risco que os adeptos dessas religiões correm, ao realizar tratamento com plantas que por muitas vezes, não foram estudadas, ou apresentam toxicidade.

Outro fator não levantado neste trabalho, mas que é relevante, é o relacionado à possíveis interações que podem ocorrer entre plantas ou medicamentos que, por ventura, estejam sendo administrados concomitantemente.

## 6. Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, U. P.; CHIAPPETA, A. A. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos Afro-brasileiros. **CL & Tróp.**, Recife, vol. 22, n. 2, p. 197-210, 1994.
- AMARAL, A. C. F. *et al.* **Coletânea Científica de Plantas de Uso Medicinal**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2005. p. 186-195.
- ANTÔNIO, J. M. *et al.* Antiulcerogenic activity of ethanol extract of *Solanum variable* (false “jurubeba”). **Journal of Ethnopharmacology**, Campinas, v. 93, p. 83-88, 2004.
- AZEVEDO, S. K. S; SILVA, I. M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta bot. brás**, Rio de Janeiro, 20(1): p.185-194, 2006.
- BARNES, J. *et al.* **Fitoterápicos**, tradução: Beatriz Araújo Rosário e Régis Pizzato. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- BARROS, M. E. **Efeito do Phyllanthus niruri (quebra-pedra) sobre a cristalização de oxalato de cálcio in vitro**. 76f. Dissertação de Mestrado (Ciências Biológicas – Fisiologia) - Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2002.
- BERBEL, J. **Fitoterapia do Além**. Franca: Farol das Três Colinas, 2000. p. 8-119.
- BOBSIN, O. **Etiologia das Doenças e Pluralismo Religioso**. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 21- 43, 2003.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Relatório de Atividades 2010** / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. 68 p.
- BRASIL. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC nº 10/2010**, de 9 de março de 2010 – Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências.
- CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo: Ícone, 1998.
- FREITAS, A. M.; SCHOR, N.; BOIM, M. A. The effect of *Phyllanthus niruri* on urinary inhibitors of calcium oxalate crystallization and other factors associated with renal stone formation. **BJU International**, São Paulo, v. 89, n. 9, p. 829-834, 2002.
- GILBERT, B. *et al.* **Monografias de Plantas Medicinais Brasileiras e Aclimatadas**. Curitiba: Abifito, 2005. p. 176-183.
- GUIMARÃES, F. A. G. **Ciência espírita: grandes vultos**. São Paulo: Alaúde, 2004. p 25.

HANSEN, D. *et al.* Pharmaceutical properties of 'sucupira' (*Pterodon* spp.). **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v. 46, n. 4, 2010.

LAPA, A. J. *et al.* Farmacologia e Toxicologia de Produtos Naturais. In: SIMÕES, C. M. O. *et al.* **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 6ª ed. Porto Alegre/Florianópolis: UFRGS/EDUFSC, 2007. p. 247-262.

MARTINS, J. M. **Uso da babosa (*Aloe vera*) na reparação de feridas abertas provocadas cirurgicamente em cães**. 55f. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) - Centro de Saúde e Tecnologia Rural da Universidade Federal de Campina Grande. Patos, 2010.

MESIA-VELA, S. *Solanum paniculatum* L. (Jurubeba): Potent inhibitor of gastric acid secretion in mice. **Phytomedicine**, São Paulo, v. 9, p. 508-514, 2002.

NOLDIN, V. F. **Estudo Fitoquímico das Folhas e Rizomas de *Simaba ferruginea* St. Hill. e Avaliação da Atividade Antiúlcera e Antinociceptiva dos Extratos e Compostos Isolados**. 91f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Acadêmico em Ciências Farmacêuticas) – Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2005.

NOVAIS, J. V.; **Uso de plantas nos cultos Afro-brasileiros no Distrito Federal e Entorno**. 93f. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Faculdades Integradas da Terra de Brasília. Recanto das Emas, 2006.

OLIVEIRA, M. F. S.; BARTHOLO Jr, R. S. Saberes e Técnicas Medicinais do Povo Brasileiro: Corpo, Magia e Natureza, entre Pajés, Orixás e Caboclos. **IV Encontro Nacional da Anppas**, Brasília, 2008.

PIRES, M. V. *et. al.* Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre, v. 7, n.1, p. 3-8, 2009.

RIZZINI, C. T. **Evolução para o Terceiro Milênio**. São Paulo: Edicel, 1985. 331p.

ROHDE, B. F. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 76-96, mar, 2009.

SILVA, F. T. Candomblé Iorubá: a relação do homem com seu orixá pessoal. **La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Brasília, vol. 16, n. 2, 2011.

SILVA, W. W. **Umbanda de todos nós**. 7. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1992. p. 33.

TUROLLA, M. S. R.; NASCIMENTO, E. S. Informações toxicológicas de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, vol. 42, n. 2, p. 289-306, 2006.

VASCONCELOS, C. F. B. *et. al.* Hypoglycaemic activity and molecular mechanisms of *Caesalpinia ferrea* Martius bark extract on streptozotocin-induced diabetes in Wistar rats. **Journal of Ethnopharmacology**, Pernambuco, v. 137, p. 1533-1541, 2011.

VEIGA Jr., V. F.; PINTO, A. C. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, vol. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

VENDRUSCOLO, G. S. **Estudo Etnobotânico das Plantas Utilizadas como Medicinais por Moradores do Bairro Ponta Grossa**, 276f. Dissertação de Mestrado (Programa de pós-graduação em botânica) – Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da UFRGS. Porto Alegre, 2004.